

VOZES QUE CANTAM, VOZES QUE DANÇAM: PRÁTICAS COTIDIANAS E TRADIÇÃO CULTURAL EM LARANJEIRAS – SE

*Janaina Cardoso de Mello*¹

Entre a Tradição e o Moderno

A cidade brasileira como centro habitacional na vida cotidiana é tardia em sua historicidade, pois enquanto parte integrante do Império ultramarino português, somente no século XVIII cidades como Salvador e Recife exerceram sua influência sobre a aristocracia agrária para que esta viesse aceitar a experiência urbana. Na América Portuguesa a relação agricultura-exportação conduzia o *modus vivendi* de uma sociedade composta por brancos portugueses e de outras nacionalidades, índios e negros, configurando uma forte miscigenação demográfica. Ao mesmo tempo, as obras arquitetônicas personificadas em catedrais, igrejas, prédios de ordens religiosas, palácios, casas, moradias dos mais diversos estilos, de origem européia, possuíam também marcas da mestiçagem resultante desse encontro multiétnico.

Os centros históricos passaram a representar o traçado inicial da cidade, compondo estruturas urbanas e arquitetônicas que expressam as manifestações políticas, econômicas, sociais, culturais e tecnológicas, das formações culturais dos diferentes períodos históricos, por meio dos quais evoluíram, estruturas unitárias ou fragmentárias, ainda que tenham se transformado ao longo do tempo e se apresentem como testemunhos de civilizações passadas².

Desde sua origem, os centros históricos ocupam uma função residencial, ou seja, abrigam homens, mulheres e crianças que habitam esse espaço enquanto palco permanente para suas atividades de descanso, lazer e serviços em geral, ligados aos hábitos e práticas de uma cultura própria a cada grupo social do local.

A arquitetura residencial é a testemunha viva das manifestações sociais e culturais das gerações anteriores e daqueles que ocupam esse espaço na atualidade. Assim: “o patrimônio arquitetônico é um capital espiritual, cultural, econômico e social cujos valores são insubstituíveis”³.

¹ Doutora em História Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Professora Adjunta do Departamento de História, do Programa de Pós-Graduação em História e do Programa de Pós-Graduação em Arqueologia da Universidade Federal de Sergipe. Colaboradora do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Alagoas. Líder do Grupo de Estudos e Pesquisas em Memória e Patrimônio Sergipano (GEMPS/ Diretório CNPq). E-Mail: <janainamello@uol.com.br>.

² SALCEDO, Rosío Fernandez Baca. *A reabilitação da residência nos centros históricos da América Latina*: Cusco (Peru) e Ouro Preto (Brasil). São Paulo: EDUNESP, 2007. p.15

³ CONSELHO DA EUROPA. “Manifesto de Amsterdã: Carta Européia” In: INSTITUTO do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN. *Cartas patrimoniais* (Caderno de documentos nº 3). Brasília: IPHAN, 1995. p.246.

Rogério Proença Leite⁴ percebeu em seus estudos que nas últimas décadas do século XX houve significativas mudanças no valor dos bens simbólicos preservados, refazendo o próprio conceito de patrimônio dentro de uma concepção mais fluida que implica em práticas voltadas para o consumo dos lugares. Atuando o desenvolvimento urbano como um agente estruturador dos *big business*, ou seja, na comercialização da “cidade-patrimônio”, seja através do turismo ou especulação imobiliária.

A cidade de Laranjeiras, localizada no Estado de Sergipe (Brasil), iniciou seu processo de estruturação no século XVIII, tendo surgido às margens do rio Cotinguiba onde havia um pé de laranja, sob o qual os viajantes descansavam protegendo-se do sol e entoando canções românticas até que chegasse o momento de se porem na estrada novamente. Para além das versões poéticas, a certeza é que a cidade se tornou uma das principais cidades comerciais de Sergipe *Del Rey*, obtendo da produção da canavieira sua principal fonte de renda⁵.

Grandes casarões, famosos nas descrições do historiador pernambucano Gilberto Freire⁶, conhecidos como “Casas Grandes” ocupavam vasta extensão territorial tendo como anexo capelas dedicadas a um santo padroeiro da fazenda, bem como as senzalas que abrigavam o cativo de africanos trazidos de além mar para o trabalho nas plantações de açúcar.

Em função da atividade açucareira, os campos da Cotinguiba abrigavam uma expressiva população negra e escrava, de modo que na freguesia de Laranjeiras, no final do século XIX, se localizava o maior percentual de africanos existentes na Província de Sergipe. [...] Espalhavam-se pelas dezenas de engenhos, mas muitos residiam na cidade, trabalhando nos trapiches, nas atividades domésticas em casa dos seus senhores ou como negros de ganho, como era o caso das amas de leite, com profissão regulamentada em posturas municipais e que tinham mercado garantido na aristocrática Laranjeiras.⁷

Laranjeiras foi elevada a condição de Vila em 07 de agosto de 1832, mas em 1824 já era a povoação mais rica da província de Sergipe possuindo mais de sessenta engenhos de açúcar, fábricas de charutos e aguardentes e representações comerciais européias. Em 4 de maio de 1848 passou a condição de cidade. Para

⁴ LEITE, Rogério Proença. *Contra-usos da cidade: lugares e espaço público na experiência urbana contemporânea*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2006, p. 47.

⁵ SILVA, Eder Donizeti da & NOGUEIRA, Adriana Dantas. “Lançando um olhar sobre o patrimônio arquitetônico de Laranjeiras”. In: NUNES, Verônica Maria Meneses; NOGUEIRA, Adriana Dantas (orgs.). *O despertar do conhecimento na colina azulada: a Universidade Federal de Sergipe em Laranjeiras*. Vol. 1. 2. ed. São Cristóvão: EDUFS, 2009, p. 40.

⁶ FREYRE, Gilberto. *Casa-Grande & Senzala*. São Paulo: Global Editora, 2005

⁷ DANTAS, Beatriz Góis. *Laranjeiras: entre o passado e o presente*. São Cristóvão: EDUFS, 2007, p. 8-9.

Beatriz Góis Dantas⁸, com a instalação da Alfândega de Sergipe a localidade e a demografia se transformaram em “importante empório comercial para cuja feira ‘concorriam comboios de quase todos os pontos da província’ comunicando-se diretamente com as capitais da Bahia, Rio de Janeiro e Pernambuco”.

De 1878 a 1904, a cidade de Laranjeiras vivenciou o seu “período áureo”, ostentando o título de “Atenas sergipana”. O termômetro da efervescência cultural da cidade era balizado por dois grandes teatros: o Santo Antônio e o São Pedro, por onde desfilaram grandes nomes nacionais.

Na primeira metade do século XX, as famílias tradicionais de alto poder aquisitivo migraram para a nova capital Aracaju, permanecendo em Laranjeiras a população de baixa renda dependente do trabalho nas lavouras de cana-de-açúcar, vivenciando um quadro de deterioração do patrimônio arquitetônico, todavia assumindo a manutenção da cultura imaterial local.

Na década de 1940 foram procedidas ações de tombamento em Laranjeiras pelo Instituto do Patrimônio Histórico, Artístico e Nacional (Iphan) que compreenderam a Capela Jesus Maria José do Engenho de igual nome, a Casa do Engenho Retiro, a Igreja de Comandaroba e a Igreja Matriz do Coração de Jesus, como partes de um conjunto arquitetônico marcado pela presença jesuítica do período colonial⁹.

Com o decorrer do século XX, Laranjeiras experimentou a evolução de seu processo de urbanização no quadro de formação da “Grande Aracaju” com a redução das áreas rurais, a ampliação da população urbana com novos modos de viver, no que tange a diversificação das atividades econômicas, o trabalho nos mercados e fábricas, a moradia em conjuntos habitacionais populares, o uso de serviços públicos coletivos.

A Universidade Federal de Sergipe (UFS) inserindo-se no processo empreendido pelo governo federal para a interiorização dos cursos universitários, propiciando um maior acesso aos moradores de regiões mais distantes das capitais dos Estados, instalou-se na cidade de Laranjeiras (SE) em março de 2007 – inicialmente em uma escola pública de nível fundamental, o Centro de Atenção Integral à Criança (CAIC) – como item prioritário para a revitalização da área que englobava as ruínas do Trapiche Santo Antônio (o antigo armazém comercial da cidade) e antigas construções, mormente os conhecidos sobrados do século XIX, as margens do rio Cotinguiba.

A restauração desse complexo arquitetônico, rodeado por habitações e formas de economia popular, através do Projeto MONUMENTA/Iphan¹⁰ entre 2007 e 2009, suscitou algumas tensões junto à população local que desde então tem questionando as vantagens e desvantagens da moradia numa cidade-patrimônio. Essa constatação foi observada no Relatório Final de Diagnóstico Sócio-Cultural de

⁸ DANTAS, Beatriz Góis. *A Taieira de Sergipe: uma dança folclórica*. Petrópolis: Vozes, 1972, p. 17.

⁹ IPHAN. “Bens móveis e imóveis”. In: INSTITUTO do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. *Livros de Tombo do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*. Rio de Janeiro: IPHAN, 1994, p. 194-195.

¹⁰ O Programa Monumenta foi um programa do governo federal brasileiro executado pelo Ministério da Cultura e patrocinado pelo Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) que consistiu na reforma e resgate do patrimônio cultural urbano em todo Brasil. Criado em 1995, atendeu mais de 26 cidades.

municípios sergipanos, realizado em 2009 pela 8ª Superintendência Regional (SE) do Iphan em parceria com a Fundação de Apoio à Pesquisa e Extensão de Sergipe (FAPESSE), coordenado pelo prof. Dr. Rogério Proença Leite do Laboratório de Estudos Urbanos e Culturais (LABEURC/ UFS).

O relatório apresenta alguns dados sobre o município, a saber, o índice de desenvolvimento médio (IDH) entre 0,5 e 0,8, com uma população de 28.923 habitantes em um território com 163,4 Km² à 15km da capital, com uma taxa de urbanização de 90,04%¹¹. No que se refere ao traçado urbano do município:

*O historiador e parecerista do processo de tombamento de Laranjeiras, Marcus Ribeiro (1995), observa que a morfologia urbana original de Laranjeiras ocorreu mais especificamente ao longo do século XVIII, acompanhando de certo modo a tipologia dos traçados das primeiras cidades brasileiras: ruas irregulares, as quais acompanham a conformação assimétrica do relevo da região; e a expansão das cidades das margens do rio para os centros das colinas.*¹²

A presença do *campus* da universidade federal nesse espaço trouxe consigo uma significativa alteração na rotina cotidiana, uma vez que a circulação de estudantes oriundos da capital e de outros municípios por Laranjeiras demandou a oferta de novos serviços (restaurantes, lanchonetes, copiadoras) e instigou questionamentos à respeito dos cursos voltados para a área das artes (Museologia, Arquitetura, Arqueologia, Teatro e Dança) não atenderem às expectativas da população jovem local que se direcional à busca de empregos nas fábricas locais (de fertilizantes e de cimento), além de 80% das vagas nos cursos de graduação ofertados serem ocupadas por alunos residentes em Aracaju.

O relatório do Iphan traz dados significativos no processo de representação social que a população faz de Laranjeiras e de si mesma nos aspectos coletivo e individual. A imagem da perda e da nostalgia de um passado considerado bom permeia as lembranças locais contrastadas com uma realidade urbana relatada como insegura e infeliz. Nas falas dos moradores o desabafo:

*Minha cidade era mais tranqüila, né verdade? Mas com o progresso, trouxe a violência, trouxe uma série de coisas. Alguns administradores fizeram com que deixassem quem a violência aumentasse assustadoramente, né? Hoje o que mais me deixa intranqüilo é a insegurança, a gente não tem mais aquela tranqüilidade que tinha uma cidade do interior.*¹³

[...]

¹¹ IPHAN. *Relatório final*: diagnóstico sócio-cultural nos municípios sergipanos de Laranjeiras e São Cristóvão. São Cristóvão: FAPESSE/ IPHAN, LABEURC-UFS, 2009 (1ª e 2ª parte), p. 09-10.

¹² IPHAN, *Relatório final*..., p. 25.

¹³ IPHAN, *Relatório final*..., p. 59.

*Era, era uma cidade mais alegre, até porque não tinha tanta violência, com a grande quantidade de drogas que tem por lá, acho que perdemos um pouco dessa graça que a cidade tinha, eu acho que hoje laranjeiras é um bairro violento de Aracaju.*¹⁴

Entretanto, alguns moradores chamam a atenção para o patrimônio cultural da cidade como um ponto positivo em sua experiência urbana, nesse sentido ressaltam a necessidade de uma maior conservação do “museu a céu aberto” que é para eles o “berço de sua vivência”. A percepção da cidade como um pólo atrativo para turismo e o incremento de suas atividades econômicas aparece nas falas que reivindicam a restauração dos casarões em ruína, a limpeza urbana, uma nova entrada da cidade que simbolize e indique que ali existe um patrimônio cultural a ser valorizado e visitado, além de guias turísticos melhor preparados para apresentarem a cidade aos visitantes¹⁵.

Ao mesmo tempo existe uma confusão dos moradores com relação à idéia de que o IPHAN ao tomar o casario deveria “emprestar o dinheiro” para as reformas subseqüentes, ou que o órgão seria responsável pelas obras realizadas pela prefeitura na cidade e também pelos casarões em ruínas ainda não reformados, são feitas ainda críticas às proibições do IPHAN relacionadas à colocação de adesivos nas portas, a pintura das casas de cores diferenciadas (uma vez que existe uma morosidade do órgão em apresentar a escala de cores da cidade à população), a alteração das fachadas residenciais seja pela colocação de azulejos ou pedrarias ou pela construção de um segundo andar – que descaracteriza a originalidade do casarão colonial – para evitar as enchentes em temporadas de chuvas ocasionadas pela falta de uma rede de esgoto na cidade e da drenagem do rio que assoreado transborda e invade as casas próximas, assim como é criticada a “falta de ação” do IPHAN frente às modificações prediais.

*O IPHAN trabalha com convenio com a prefeitura, mas a prefeitura às vezes não cumpre com a obrigação dela [...] Eu acho que sim, e muito, o patrimônio tem falha [...] assim, a rua é toda tombada, pode a frente das casas só pode aquilo ali, só que tem umas que fazem o que quer [...] modifica a frente das construções[...] uns o IPHAN implica, manda fazer do jeito que é, ou ficam [...].*¹⁶

Segundo Clifford Geertz¹⁷, a concepção simbólica de cultura, em que as manifestações e práticas que a comunidade possui carregam um significado compreensível para aquela e que, muitas vezes, é desprezada pelo Estado, o qual, influenciado ou por uma ideologia cultural de elite, ou por não compreender tal teia

¹⁴ IPHAN, *Relatório final...*, p. 60.

¹⁵ IPHAN, *Relatório final...*, p. 63.

¹⁶ IPHAN, *Relatório final...*, p. 66.

¹⁷ GEERTZ, Clifford. *O saber local*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

simbólica de manifestações, acaba praticando ações ou omissões que destroem o patrimônio cultural de determinada comunidade. Não somente o patrimônio de pedra e cal, mas sim o patrimônio imaterial tecido em uma rede de sociabilidades que lhes confere uma identidade.

A população se sente menosprezada nas ações dos órgãos responsáveis pela preservação do patrimônio urbano e instituição de medidas ou decisões alheias à sua realidade (IPHAN, Prefeitura Municipal, Governo do Estado, Governo Federal). Sentem-se desinformados e mesmo quando são realizadas obras de conservação ou restauro, muitas vezes essas ao não integrarem os moradores locais, terminam por não consolidar laços de afetividade com o bem cultural em questão.

De acordo com Castells: “entende-se por identidade cultural a fonte de significado e experiência de um povo”¹⁸. Com a expansão demográfica, o descontrole da urbanização e a deprecação ecológica, os movimentos sócio-culturais preocupados com a recuperação de bairros e edifícios ganharam força, entretanto, quando ocorre o abrandamento dessas iniciativas as classes populares colocadas no centro do turbilhão salvaguardista não se sentem motivadas a participar da recuperação de símbolos que muitas vezes não lhes dizem nada¹⁹.

Em agosto de 2009, um micro-projeto de pesquisa intitulado “*Vozes femininas do Trapiche*” coordenado pelo Grupo de Estudos e Pesquisas em Memória e Patrimônio Sergipano (GEMPS/ CNPq – UFS), sem recursos financeiros e com a participação voluntária de alunas do curso de Museologia da Universidade Federal de Sergipe, iniciou a coleta de entrevistas orais de mulheres do centro de Laranjeiras com o intuito de captar as demandas da população feminina local sobre a universidade que se instalara no antigo Quarteirão dos Trapiches, uma vez que como mães, irmãs, tias ou filhas elas estavam envolvidas no processo de construção das relações de sociabilidade. Esse micro-projeto integrava um projeto de pesquisa mais amplo intitulado “*Vozes do Trapiche: cultura histórica, memória e identidade em Laranjeiras*” contemplado em 2010 com um auxílio financeiro do Edital Universal 06/ 2009 da Fundação de Amparo à Pesquisa e à Inovação Tecnológica do Estado de Sergipe (FAPITEC-SE) para aquisição de bens de consumo e de capital.

Como objetivo geral da pesquisa buscou-se pesquisar os modos de apreensão da população de Laranjeiras sobre a vida em uma cidade-patrimônio. Enquanto os objetivos específicos caminharam no sentido de: analisar as formas de apropriação das noções de “cultura material e imaterial”, “patrimônio” e “lugares de memória” em Laranjeiras; realizar entrevistas com a população do centro de Laranjeiras, acondicionando-as em CD’s por meio de MP-4; doar o material coletado para a criação de uma CD-teca na BICAL, disponibilizando-os ao público; incentivar consultas públicas das informações orais por estudantes do ensino fundamental e médio, graduação, pós-graduação, pesquisadores e outros interessados; organizar eventos acadêmicos na UFS, *Campus Laranjeiras*, para divulgar os resultados do projeto.

Após a coleta dos dados e análise das respostas, confirmou-se que a alteração dos hábitos e cadeias produtivas frente à salvaguarda da cultura material gerou

¹⁸ CASTELLS, Manuel. *O poder da identidade*. 5. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999, p. 22.

¹⁹ CANCLINI, Nestor Garcia. “O patrimônio cultural e a construção imaginária do nacional”. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, n. 23, 1994, p. 95-115.

conflitos e receios de um “Leviatã pós-moderno” que devora o convívio e usos do espaço público, uma vez que muitos laranjeirenses sentem-se excluídos do patrimônio restaurado. Todavia, os projetos desenvolvidos pela universidade federal revelaram-se capazes de atrair o interesse tanto de jovens quanto de moradores já adultos, fazendo-os refletir sobre a necessidade da conservação de seu patrimônio cultural como agentes ativos de cidadania.

Para Érica Gomes da Silva (15 anos), moradora de Laranjeiras, a restauração do Quarteirão dos Trapiches trouxe melhorias com a vinda da UFS e a circulação de novas pessoas, relatando que seus sonhos mudaram, pois agora pensa em fazer um curso universitário. Ela não trabalha e é sustentada por seu padrasto e sua mãe. Admira muito a cultura da cidade e gosta muito tanto da parte cultural quanto dos *shows* artísticos. Já visitou os museus da cidade levada pela escola²⁰.

Maria de Lourdes dos Santos (50 anos), moradora de Laranjeiras, relatou o impacto para população em geral que sentia tristeza com os prédios despencando e a restauração trouxe mais beleza, conservou o aspecto original na fachada e a UFS trouxe uma maior conscientização da conservação do patrimônio histórico. Já participou de várias atividades da UFS, principalmente de dança e teatro²¹.

Andréia Batista Santos (26 anos), moradora de Laranjeiras e artesã, acha que arquitetonicamente a restauração embelezou a cidade. Antes os moradores achavam que não teriam acesso à UFS e então recebeu convites para participar das atividades da universidade e já participou de seminário sobre as raízes culturais da cidade. Como pontos positivos acha que há uma variedade de artesanato e monumentos, mas precisa ser melhorada a segurança da cidade. O seminário na UFS a ajudou a conhecer melhor o papel da cultura afro na cidade. Já conhece 50% dos museus e participa de atividades ligadas ao artesanato na cidade²².

Dentre os entrevistados 80% considerou “patrimônio cultural” tudo que é transmitido de geração em geração, que possui historicidade e está manifesto na arquitetura (casarões, igrejas, museus) e no folclore (folguedos, grupos artísticos) e artesanato.

Marina Danielle Dantas de Almeida (25 anos), moradora de Laranjeiras, afirmou que a presença da UFS aumentou oportunidade de estudo em nível superior, houve uma evolução intelectual e um desenvolvimento econômico com o aumento do fluxo de gastos na cidade. Acha que tudo deve ser preservado, a cultura, os folguedos, os prédios históricos. Acredita que a mudança será gradual à medida que a comunidade de Laranjeiras entra na academia e cria uma consciência cidadã²³.

Um Quarteirão de Culturas

Laranjeiras com sua arquitetura barroca e neoclássica nasceu como fruto da colonização portuguesa, mas também caracterizou-se como berço da confluência de etnias negras e indígenas com um manancial de ricas manifestações folclóricas

²⁰ Entrevista realizada em Laranjeiras-SE, em outubro de 2010.

²¹ Entrevista realizada em Laranjeiras-SE, em janeiro de 2011.

²² Entrevista realizada em Laranjeiras-SE, em fevereiro de 2011.

²³ Entrevista realizada em Laranjeiras-SE, em maio de 2011.

revelando resistência e vitalidade representadas anualmente no Encontro Cultural, durante o mês de janeiro. O Encontro Cultural de Laranjeiras foi criado em 1976 com a finalidade de estudar, pesquisar e divulgar o folclore e as diversas manifestações populares locais, ocorrendo sempre no período dos festejos de Santos Reis no mês de janeiro²⁴.

A preservação enquanto ato de manter os testemunhos das manifestações culturais e ambientais possibilita à sociedade reconhecer a sua identidade, valorizando-a e estabelecendo referenciais para a construção de seu futuro²⁵. A partir dessa noção da salvaguarda do que é significativo aos homens e mulheres que habitam a cidade é que se tem pensado a relação entre o patrimônio material e o patrimônio imaterial em Laranjeiras.

Terra da Taieira, do Lambe Sujo e Caboclinhos, é uma cidade rica em manifestações da cultura imaterial, mas também um centro histórico, uma “cidade-patrimônio” que na rota do projeto Monumenta/Iphan traz em seu entorno as marcas do passado revitalizado e os desafios do convívio humano com a preservação da arquitetura restaurada na atualidade, com o antigo que se faz novo.

A Taieira, iniciada no século XVIII, se configura como um dos primeiros grupos folclóricos de Laranjeiras. É um grupo de folguedo com brincantes que dirigem louvores a São Benedito e a Nossa Senhora do Rosário. O seu repertório é formado por cânticos religiosos e também profanos.

Para a coordenadora do grupo, Maria do Espírito Santo, a Taieira é uma manifestação de matriz africana que obteve conotação religiosa em Sergipe, tendo surgido a partir de uma promessa feita a São Benedito e a Nossa Senhora do Rosário por Dona Isméria, avó de Dona Umbelina Araújo, antiga mestra das Taieiras.

*Quando a manhã já formada clareia a cidade, mocinhas com trajes coloridos e chapéus vistosos vão-se sobressaindo, enfeitando a rua da Cacimba e adjacências. São as taieiras convergindo para a modesta casa de Bilina, a organizadora do festejo, onde vão juntar-se às rainhas, aí alojadas desde a véspera, vindas de Aracaju onde hoje residem.*²⁶

Moças e crianças cantam e dançam em um cortejo acompanhado por tambor e querequechês (ganzás), evoluindo às margens do rio Contiguiba numa saudação ao porto. Seguem então para a Igreja de São Benedito e Nossa Senhora do Rosário – a velha igreja dedicada aos santos protetores dos negros – onde ocupam o interior do templo para assistir a missa e ao seu término participarem da coroação das rainhas pelo padre que as abençoa. Mais cânticos são entoados louvando os santos. Terminado o ritual na igreja, o festejo retorna a rua, visitando casas,

²⁴ BOMFIM, Wellington de Jesus. “Notas sobre o Encontro Cultural de Laranjeiras”. In: SILVA, Eder Donizeti da & NOGUEIRA, Adriana Dantas (orgs.). *O despertar do conhecimento na colina azulada: a Universidade Federal de Sergipe em Laranjeiras*. Vol. 2. São Cristóvão: EDUFS, 2009, p. 113-130.

²⁵ PELEGRINI, Sandra C. A. *Patrimônio cultural: consciência e preservação*. São Paulo: Brasiliense, 2009.

²⁶ DANTAS, A Taieira..., p. 19.

partilhando dos lanches previamente preparados, angariando também doações em dinheiro. À noite findam-se os cantos e as danças, reunindo-se em frente à casa da organizadora para de lá dispersarem-se vencidas pelo cansaço.

O Reisado, outra manifestação tradicional de importância no folclore de Laranjeiras, constitui-se como um auto popular do ciclo natalino com origem portuguesa que remonta ao Brasil do século XIX como “reisado” ou “reiseiros” pelas comemorações serem realizadas na véspera e no dia de Reis do calendário católico, anunciando o nascimento de Jesus Cristo. Possui uma seqüência musical composta de: abrição de porta ou pedição de sala, marcha de entrada, louvação aos donos da casa, louvação ao Menino Jesus, parte das figuras, entremeios (falas do Caboclo e da Dona do Baile), cantigas de amor, chula (só dança), entrada do Boi e retirada. Os sons do triângulo, da zabumba e da sanfona geralmente marcam a dança do reisado, mas em Laranjeiras Dona Lalinha inovou ao incorporar o cavaquinho que foi tocado por ela até a sua morte.

Além das danças e dos cantos de pedição de sala (licença para dançar), louvação à Maria, Jesus, detentores de cargos de poder e pessoas estimadas, o Reisado possui o “entremez”, correspondente à dramatização conduzida pela Dona do Baile e outro personagem importante na brincadeira, o Mateus. “A Dona do Baile vai anunciando o que o grupo apresenta, sempre instigada pelo Caboclo ou Mateus com suas piadas e suas brincadeiras, ora com a platéia, ora com o figural”, ressalta Aglaé Fontes de Alencar²⁷.

Outra manifestação cultural considerada para-folclórica por estudiosos do tema como Aglaé Fontes de Alencar diz respeito ao “samba de parelha” do povoado quilombola Mussuca, formado por vinte e uma pessoas, sendo dezessete mulheres e quatro homens, que resolveram revitalizar o divertimento de seus antepassados surgido das brincadeiras de roda. Dona Nadir atua como cantora do grupo e toca ganzá. Atualmente só as mulheres participam da dança, fugindo às suas características originais, utilizando-se dos recursos necessários para a continuidade da brincadeira²⁸.

De acordo com Stuart Hall, o século XX sofreu uma intensa transformação estrutural de suas sociedades,

[;]; fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia raça e nacionalidade, que no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais. Estas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a idéia que temos de nós próprios como sujeitos integrados. Esta perda de um “sentido de si” estável é chamada, algumas vezes, de deslocamento – descentração dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos – constitui uma “crise de identidade” para o indivíduo.²⁹

²⁷ ALENCAR, Aglaé D'Ávila Fontes de. *Danças e folguedos: iniciação do folclore sergipano*. 2. ed. Aracaju: s.r., 2003.

²⁸ ALENCAR, *Danças...*

²⁹ HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 1999, p. 09.

Imiscuída no âmbito do capitalismo, onde a valoração das formas de produção moderna muitas vezes entra em conflito com a perspectiva da vida no interior de uma “cidade-patrimônio”, a população mestiça de Laranjeiras expõe um cotidiano de resistência político-cultural e compreensão cidadã a respeito de si mesma. Para esses laranjeirenses, o plano cultural lhes diz quem são, lhes oferece um lugar de pertencimento, identificação e melhor convívio com a cidade que habitam através da negociação na construção de sua historicidade. Nesse sentido as narrativas que constroem a partir das tradições locais são essenciais para a continuidade dos grupos sociais mestiços.

Outrora a população direcionava-se ao quiosque de zinco em frente à biblioteca pública para consumir seus lanches no horário de almoço, ou simplesmente deixavam-se sentar na beirada da calçada para fumar um cigarro de palha degustando uma pamonha doce enquanto apreciavam as ruínas do Trapiche deixando-se levar por devaneios de um passado distante. Agora, a paisagem está modificada, o Iphan restaurou os locais de uso comum e alguns pontos que antes lhes referenciavam foram removidos (como o antigo quiosque) enquanto “estrangeiros” circulam e se apossam dos espaços de uma cidade que para eles é território de passagem. De Aracaju provém grande parte dos alunos da universidade federal para os cursos de Teatro, Dança, Museologia, Arqueologia e Arquitetura, enquanto seus filhos no ensino fundamental e médio ainda sonham com um emprego nas fábricas de fertilizante e cimento dos arredores.

Todavia, longe de se excluírem da nova realidade que se lhes apresenta, deseja a população ser parte da “novidade” de forma constitutiva e não apenas observadora. Por isso ocuparam os espaços da universidade federal na realização do Encontro Cultural de Laranjeiras em janeiro de 2010 e 2011, para mostrar aos “de fora” que são bem vindos ao seu mundo que deve ser de todos se houver interação respeitosa às práticas culturais ancestrais que resgataram Laranjeiras das sombras de sua decadência econômica.

Considerações Finais

O apreço dos moradores pela cidade mostra-se latente no orgulho com que ostentam suas tradições culturais e embora muitos não reconheçam o “patrimônio cultural” em seus conceitos formais e acadêmicos, em sua maioria valorizam a antiguidade dos prédios, ressaltando seu valor histórico e reivindicam a restauração daqueles que se encontram em ruínas. Entretanto, chocam-se com os organismos estatais ou federais que lhes impedem a livre-circulação ou uso dos bens que em sua compreensão são de caráter privado.

A universidade federal promoveu mudanças significativas no cotidiano da população laranjeirense, mas ainda é vista ora como desenvolvimento, ora com desconfiança como mais um espaço de apropriação do “povo de Aracajú” em detrimento dos moradores do município. Há uma forte crítica à ausência de projetos de qualificação/capacitação profissional direcionados para a população local que não é aluna da universidade.

Espera-se que a universidade supra a ausência da administração pública local, preparando a população mais jovem para o mercado de trabalho que lhes exige

qualificação, o que transfere em parte a responsabilidade maior dos setores políticos-administrativos, em descrédito na cidade, para a instituição, cabendo então o incentivo por parte da UFS à reflexão cidadã sobre o papel de cada instância no desenvolvimento da cidade, bem como a instrumentalização da população sobre os canais de reivindicação de direitos.



RESUMO

Berço cultural de Sergipe, a cidade de Laranjeiras conhecida como a “Atenas sergipana”, onde se mantém uma forte cultura imaterial e material, enfrenta os desafios dos tempos atuais. A instalação de um *campus* da UFS, promovendo a restauração do antigo Quarteirão dos Trapiches através do Projeto Monumenta (IPHAN), desencadeou algumas tensões na população local que tem questionado as vantagens e desvantagens da moradia numa cidade-patrimônio. O registro de vozes comuns de moradores, porém protagonistas do espaço e tempo vivenciado, através de entrevistas, busca sua incorporação cidadã à instituição educacional que se dispõe a servir ao social e valorizar sua gente.

Palavras Chave: Laranjeiras; Patrimônio Cultural; Cotidiano.

ABSTRACT

Cultural cradle of Sergipe, the city of Laranjeiras known as the “Athens of Sergipe”, where they maintain a strong culture of immaterial and material, faces the challenges of the current times. The installation of a campus of UFS, promoting the restoration of the old Quarteirão dos Trapiches through Project Monumenta (IPHAN), sparked some tensions in the local population that has questioned the advantages and disadvantages of living in a city-heritage. The registration of common voices of residents, but the protagonists of space and time experienced, through interviews, citizen to search their incorporation available educational institution to serve the social and valuing its people.

Keywords: Laranjeiras; Cultural Heritage; Daily Life.

Artigo recebido em 06 set. 2012.

Aprovado em 19 dez. 2012.